

causa» seis nomes ilustres do ensino universitário: Professores Guilherme Braga da Cruz, da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Willy Onclin, da Faculdade de Direito Canónico da Universidade de Lovaina, Ralph Hower, da School of Business Administration da Universidade de Harvard, Otto Roegele, do Instituto de Investigação de Ciências da Informação da Universidade de Munique, Jean Roche, Reitor da Sorbonne e Carlos Jimenez Diaz, da Faculdade de Medicina de Madrid (a título póstumo).

Aos novos Doutores foram entregues as tradicionais insígnias — barrete, anel, livro e diploma — pelo Grão Chanceler da Universidade. De assinalar uma nutrida representação de portugueses, especialmente de Lisboa, Porto e Coimbra, testemunhando ao Mestre da Lusa Atenas o quanto o estimam.

A Universidade de Navarra foi criada em 1952, por iniciativa do Grão-Chanceler, Monsenhor Josémaria Escrivá de Balaguer, fundador do Opus Dei. Reconhecida oficialmente em 1960, pertence à Associação Internacional de Universidades.

Durante o ano lectivo findo, a Universidade teve 525 professores, devendo salientar-se o facto de 70% do professorado dedicar toda ou a maior parte do seu tempo à Universidade. Os professores são contratados em função da sua competência profissional, sem discriminação de raça, cultura ou religião e só uma minoria pertence ao Opus Dei.

Este importante estabelecimento de ensino conta hoje cerca de seis mil alunos provenientes de 30 países. Mantém uma extensa e intensa actividade de investigação científica, da qual são manifestações as várias colecções de livros já publicadas e as três revistas especializadas de Medicina, Filosofia e Direito Canónico.

Na manhã do dia 8 de Outubro, um domingo de sol escaldante, Monsenhor Escrivá de Balaguer celebrou a Santa Missa no Campus Universitário, para os Amigos da Universidade, uma multidão calculada em cerca de 20 000 pessoas. A oração dos fiéis foi recitada em alemão, catalão, francês, inglês, italiano, japonês, português, swahili, vasco e castelhano, para que as representações dos diversos países ali presentes pudessem ouvir na sua própria língua esta prece litúrgica.

No momento próprio, o Fundador do Opus Dei proferiu importante homilia.

**Theologica** tem a satisfação de a poder oferecer aos seus leitores, em tradução portuguesa. Sendo nosso intento dedicar o presente número ao tema palpitante dos leigos, não poderíamos deixar de apresentar aqui este importante documento sobre a espiritualidade laical.

Nestes tempos de ardorosa procura da verdade, o problema já não está, graças a Deus, em saber se os leigos podem santificar-se, mas em **como** não-de

santificar-se. (Conf. neste número, Hugo de Azevedo, Espiritualidade laical) Possui Monsenhor Escrivá de Balaguer uma experiência invulgar, neste campo. Com efeito, desde 1928 que vem repetindo com insistência «que a santidade não está reservada a privilegiados». A história do capítulo V da *Lumen Gentium* não poderá escrever-se, sem falar do seu nome e da sua Obra.

O seu livro «Caminho», um dos livros de espiritualidade mais célebres deste século, (Pedro Rodrigues, Cristãos de hoje, Ed. Aster, pág. 57, Lisboa, 1967) escrito em primeira redacção em 1934 e em definitiva em 1939, encontrou no meio dos homens um acolhimento caloroso. Falam eloquentemente disso os 2 140 000 exemplares das 82 edições em 14 línguas diferentes já distribuídos.

Tendo fundado o Opus Dei em 2 de Outubro de 1928, foi «o primeiro a lançar **sem hesitações** os leigos pelo caminho da santificação nas «condições ordinárias de vida no mundo.» (Hugo de Azevedo op. cit., pág. 15)

A homilia aqui publicada tem, pois, o calor de um testemunho e o valor do depoimento de alguém que possui autoridade incontestável na espiritualidade laical.

F. S.

## HOMILIA DE MONS. ESCRIVÁ DE BALAGUER

por ocasião da II Assembleia Geral dos Amigos da Universidade de Navarra:

Acabais de escutar a leitura solene dos dois textos da Sagrada Escritura correspondentes à Missa do 21.º Domingo depois de Pentecostes. Tendo ouvido a Palavra de Deus, já estais situados no âmbito em que se vão mover as palavras que agora vos dirijo: palavras de sacerdote, pronunciadas perante uma grande família de filhos de Deus na sua Santa Igreja. Palavras, pois, que desejam ser sobrenaturais, pregoelras da grandeza de Deus e das suas misericórdias com os homens; palavras que vos disponham para a impressionante Eucaristia que hoje celebramos no Campus da Universidade de Navarra.

Considerai por uns instantes o facto que acabo de mencionar. Celebramos a Sagrada Eucaristia, o sacrifício sacramental do Corpo e do Sangue do Senhor, esse mistério de fé que reúne em si todos os mistérios do Cristianismo. Celebramos, portanto, a acção mais sagrada e transcendente que o homem, por graça de Deus, pode realizar nesta vida. Comungar o Corpo e o Sangue do Senhor é, de certo modo, desligar-nos dos laços de terra e de tempo, para estar já com Deus no Céu, onde o próprio Cristo enxugará as lágrimas dos nossos olhos e onde não haverá morte, nem pranto, nem gritos de fadiga, porque o mundo velho já terá passado<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Cfr. Ap. 21, 4.

Esta verdade tão consoladora e profunda, esta significação escatológica da Eucaristia, como costumam denominá-la os teólogos, poderia, no entanto, ser mal entendida; e de facto tem-no sido, sempre que se tem querido apresentar a existência cristã como algo exclusivamente espiritual — espiritualista, quero dizer — próprio de gente pura, extraordinária, que não se mistura com as coisas desprezíveis deste mundo, ou que, quando muito, as tolera como uma realidade necessariamente justificada ao espírito, enquanto aqui vivemos.

Quando se vêem as coisas deste modo, o lugar por excelência da vida cristã passa a ser o templo; e ser cristão, nesse caso, consiste em ir ao templo, participar em cerimónias sagradas, incrustar-se numa sociologia eclesiástica, numa espécie de mundo segregado que se apresenta a si mesmo como a ante-câmara do céu, enquanto o mundo comum segue o seu próprio caminho. A doutrina do Cristianismo e a vida da graça passariam, por conseguinte, como que roçando o atribulado avançar da história humana, mas sem se encontrar com ele.

Nesta manhã de Outubro, enquanto nos dispomos a penetrar no memorial da Páscoa do Senhor, respondemos simplesmente que não a essa visão deformada do Cristianismo. Reflecti um momento no enquadramento da nossa Eucaristia, da nossa Acção de Graças: encontramos-nos num templo singular; poderia dizer-se que a nave é o campus universitário: o retábulo, a Biblioteca da Universidade; além, a maquinaria que levanta novos edifícios; e em cima, o céu de Navarra...

Não vos confirma de uma forma plástica e invidável esta enumeração que o verdadeiro lugar da vossa existência cristã é a vida ordinária? Meus filhos: onde estiverem os vossos irmãos, os homens; onde estiverem as vossas aspirações, o vosso trabalho, os vossos amores, aí está o sítio do vosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da terra que devemos santificar-nos, servindo Deus e todos os homens.

Constantemente o tenho ensinado com palavras da Santa Escritura: o mundo não é mau, porque saiu das mãos de Deus, porque lavé olhou para ele e viu que era bom <sup>2</sup>. Nós, os homens, é que o tornamos mau e feio com os nossos pecados e as nossas infidelidades. Não duvideis, meus filhos: qualquer forma de evasão das honestas realidades diárias é, para vós, homens e mulheres do mundo, coisa oposta à vontade de Deus.

Pelo contrário: deveis compreender agora — com uma nova clareza — que Deus vos chama a servi-Lo em e a partir das ocupações civis, materiais, seculares, da vida humana. Deus aí vos espera: num laboratório, na sala de operações, no quartel, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no lar, e em todo o imenso panorama do trabalho. Sabei-o bem: escondido nas situações mais comuns, há algo de santo, de divino, que vos toca a cada um de vós descobrir.

Eu costumava dizer àqueles universitários e àqueles operários que vinham ter comigo por volta de 1930 que tinham de saber materializar a vida espiritual. Queria afastá-los assim da tentação, tão frequente então e agora, de viver uma vida dupla: a vida interior, a vida de relação com Deus, por um lado; e por outro, diferente e separada, a vida familiar, profissional e social, cheia de pequenas realidades terrenas.

Não, meus filhos! Não pode haver uma vida dupla; se queremos ser cristãos, não podemos ser como os esquizofrénicos; há uma única vida, feita de carne e

<sup>2</sup> Cfr. Gen. 1, 7 e ss.

espírito, e essa é que tem de ser — na alma e no corpo — santa e cheia de Deus, deste Deus invisível, que nós encontramos nas coisas mais visíveis e materiais.

Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida corrente, ou nunca o encontraremos. Por isso vos posso dizer que a nossa época precisa de restituir à matéria e às situações que parecem mais vulgares o seu nobre e original sentido, colocá-las ao serviço do Reino de Deus, espiritualizá-las, fazendo delas o meio e a ocasião do nosso encontro contínuo com Jesus Cristo.

O sentido cristão autêntico — que professa a ressurreição de toda a carne — sempre combateu, como é lógico, a desencarnação, sem receio de ser julgado materialista. É lícito, portanto, falar de um materialismo cristão, que se opõe audazmente aos materialismos cerrados ao espírito.

O que são os sacramentos — vestígios da Encarnação do Verbo, como afirmaram os antigos — senão a mais clara manifestação deste caminho que Deus escolheu para nos santificar e levar para o Céu? Não vedes que cada sacramento é o amor de Deus, com toda a sua força criadora e redentora, que Se nos dá servindo-se de meios materiais? O que é esta Eucaristia — já iminente — senão o Corpo e o Sangue adoráveis do nosso Redentor, que Se nos oferece através da humilde matéria deste mundo — vinho e pão —, através dos elementos da natureza cultivados pelo homem, como o último Concílio Ecuménico quis recordar? <sup>3</sup>

Compreende-se, meus filhos, que o Apóstolo pudesse escrever: todas as coisas são vossas; vós sois de Cristo; e Cristo de Deus <sup>4</sup>. Trata-se de um movimento ascendente que o Espírito Santo, difundido em nossos corações, quer provocar no mundo: da terra até à glória do Senhor. E para que ficasse claro que nesse movimento se incluía até o que parece mais prosaico, S. Paulo escreveu também: quer comais, quer bebais, fazei tudo para a glória de Deus <sup>5</sup>.

Esta doutrina da Sagrada Escritura que se encontra, como sabeis, no próprio núcleo do espírito do Opus Dei, há-de levar-vos a realizar o vosso trabalho com perfeição, a amar a Deus e os homens fazendo com amor as pequenas coisas da vossa jornada habitual, descobrindo esse algo divino que está encerrado nos pormenores. Que bem quadram aqui aqueles versos do poeta de Castela: Devagar, e boa letra; / que fazer as coisas bem / importa mais que fazê-las <sup>6</sup>.

Eu vos asseguro, meus filhos, que quando um cristão realiza com amor a mais intrascedente das acções diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer alexandrinos da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não; onde se unem deveras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida ordinária...

Viver santamente a vida ordinária, acabo de dizer-vos. E com estas palavras me refiro a todo o programa da vossa vida cristã. Deixai-vos, pois, de sonhos, de falsos idealismos, de fantasias, daquilo a que costumamos chamar mística do oxalá — oxalá não me tivesse casado; oxalá não tivesse esta profissão; oxalá tivesse mais saúde; oxalá fosse jovem; oxalá fosse velho!... — e cingi-vos, pelo contrário, sôbria-

<sup>3</sup> Cfr. *Gaudium et Spes*, 38.

<sup>4</sup> I Cor. 3, 22-29.

<sup>5</sup> I Cor. 10, 31.

<sup>6</sup> A. MACHADO, *Poesias Completas*. CLXI. Proverbios y cantares. XXIV, Espasa Calpe. Madrid, 1940.

mente, à realidade mais material e imediata, que é onde está o Senhor: vede as minhas mãos e os meus pés, disse Jesus ressuscitado; sou Eu mesmo. Tocai-me e vede que um espírito não tem carne e ossos como vedes que Eu tenho <sup>7</sup>.

São muitos os aspectos do ambiente secular em que vos moveis que se iluminam a partir destas verdades. Pensai, por exemplo, na vossa actuação como cidadãos na vida civil. Um homem sabedor de que o mundo — e não só o templo — é o lugar do seu encontro com Cristo, ama esse mundo, procura adquirir uma boa preparação intelectual e profissional, vai formando — com plena liberdade — os seus próprios critérios sobre os problemas do meio em que se desenvolve; e toma, por conseguinte, as suas próprias decisões, que, por serem decisões de um cristão, procedem também de uma reflexão pessoal que tenta humildemente captar a vontade de Deus nesses aspectos, pequenos e grandes, da vida.

Mas jamais a esse cristão lhe ocorre pensar ou dizer que desce do templo ao mundo para representar a Igreja, e que as suas soluções são as soluções católicas daqueles problemas. Isso não pode ser, meus filhos! Isso seria clericalismo, catolicismo oficial, ou como queirais chamá-lo. De qualquer modo, seria violentar a natureza das coisas. Tendes de difundir por toda a parte uma verdadeira mentalidade laical, que há-de levar os cristãos a três consequências:

a serem suficientemente honrados para arcarem com a sua responsabilidade pessoal;

a serem suficientemente cristãos para respeitarem aqueles seus irmãos na fé que proponham — em matérias discutíveis — soluções diversas das suas;

a serem suficientemente católicos para não se servirem da nossa Mãe, a Igreja, misturando-a com partidanismos humanos.

Vê-se claramente que, neste terreno como em todos, não poderíeis realizar o programa de viver santamente a vida ordinária se não gozásseis de toda a liberdade que vos é reconhecida, juntamente, pela Igreja e pela vossa dignidade de homens e de mulheres criados à imagem de Deus. A liberdade pessoal é essencial à vida cristã. Mas não vos esqueçais, meus filhos, de que falo sempre de uma liberdade responsável.

Interpretei, portanto, as minhas palavras como o que são: um chamamento a que exerçais — diariamente!, — não só em situações de emergência — os vossos direitos; e que cumprais nobremente as vossas obrigações como cidadãos — na vida política, na vida económica, na vida universitária, na vida profissional — assumindo com valentia todas as consequências das vossas livres decisões, da independência pessoal que vos corresponde. E essa cristã mentalidade laical permitir-vos-á afastar-vos de toda a intolerância, de todo o fanatismo. Di-lo-ei de um modo positivo: far-vos-á conviver em paz com todos os vossos concidadãos e fomentar também a convivência nos diversos sectores da vida social.

Sei que não tenho necessidade de recordar o que ao longo de tantos anos venho repetindo. Esta doutrina de liberdade civil, de convivência e de compreensão forma parte, muito importante, da mensagem que o Opus Dei difunde. Terei de voltar a afirmar que os homens e as mulheres que querem servir Jesus Cristo na Obra de Deus são simplesmente cidadãos iguais aos outros que se esforçam por viver com séria responsabilidade — até às últimas consequências — a sua vocação cristã?

Nada distingue os meus filhos dos seus concidadãos. Por outro lado, excep-

<sup>7</sup> Lc. 24, 39.

tuando a Fé, nada têm em comum com os membros das congregações religiosas. Amo os religiosos e venero e admiro as suas clausuras, os seus apostolados, o seu afastamento do mundo — o seu contemptus mundi —, que são outros sinais de santidade na Igreja. Mas o Senhor não me deu vocação religiosa, e desejá-la para mim seria uma desordem. Nenhuma autoridade na terra me poderá obrigar a ser religioso, como nenhuma autoridade me pode forçar a contraír matrimónio. Sou sacerdote secular: sacerdote de Jesus Cristo que ama apaixonadamente o mundo.

Os que seguirem Jesus Cristo comigo, pobre pecador, são: uma pequena percentagem de sacerdotes que exerciam antes uma profissão ou uma ocupação laical; um grande número de sacerdotes seculares de muitas dioceses do mundo — que assim confirmam a obediência aos seus Bispos, o seu amor à diocese e a eficácia do seu trabalho diocesano — com os braços sempre abertos em cruz para que caibam nos seus corações todas as almas, e que estão, como eu, no meio da rua, no mundo, e o amam; e a grande multidão formada por homens e mulheres de diversas nações, de diversas línguas, de diversas raças, que vivem do seu trabalho profissional, casados na sua maior parte, solteiros muitos outros, que participam com os seus concidadãos na grave tarefa de tornar mais humana e mais justa a sociedade temporal, na nobre lide das ocupações diárias, com responsabilidade pessoal — repito —, alcançando e sofrendo, ombro a ombro com os outros homens, êxitos e fracassos, procurando cumprir os seus deveres e exercer os seus direitos sociais e cívicos. E tudo isto, com naturalidade, como qualquer cristão consciente, sem mentalidade de selectos, fundidos na massa dos seus colegas, enquanto procuram detectar a luz divina que reverbera nas realidades mais vulgares.

Também as obras promovidas pelo Opus Dei, como associação, têm essas características eminentemente seculares: não são obras eclesiásticas. Não gozam de nenhuma representação oficial da Sagrada Hierarquia da Igreja. São obras de promoção humana, cultural, social, realizadas por cidadãos que procuram iluminá-las com a luz do Evangelho e caldeá-las com o amor de Cristo. Um dado vos esclarecerá: o Opus Dei não tem nem terá jamais, por exemplo, a missão de dirigir Seminários diocesanos, onde os Bispos, instituídos pelo Espírito Santo <sup>8</sup> preparam os seus futuros sacerdotes.

O Opus Dei fomenta centros de formação operária e de formação agrícola, de ensino primário, secundário e universitário, e tantas mais e tão variadas actividades em todo o mundo, porque os seus anseios apostólicos — escrevi há muitos anos — são um mar sem limites.

Mas, por que me hei-de alongar nesta matéria, se a vossa mesma presença é mais eloquente do que um prolongado discurso? Vós, Amigos da Universidade de Navarra, sois parte de um povo que sabe estar comprometido no progresso da sociedade a que pertence. O vosso alento cordial, a vossa oração, o vosso sacrifício e a vossa contribuição material não seguem os caminhos de um confessionalismo católico; ao prestardes a vossa cooperação, sois o perfeito testemunho de uma recta consciência civil preocupada pelo bem comum temporal; testemunhais que uma Universidade pode nascer das energias do povo e ser sustentada pelo povo.

Quero agradecer uma vez mais nesta ocasião a colaboração que prestam à nossa Universidade a minha nobilíssima cidade de Pamplona; a grande e forte região de Navarra; os Amigos procedentes de toda a geografia espanhola e — com particular

<sup>8</sup> Act. 20, 28.

emoção o digo — os não espanhóis e até os não católicos e não cristãos que compreenderam, e assim o demonstram com factos, a intenção e o espírito deste empreendimento.

A todos eles se deve que a Universidade seja um foco, cada vez mais vivo, de liberdade cívica, de preparação intelectual, de emulação profissional, e um estímulo para o ensino universitário. O vosso generoso sacrifício serve de base a um trabalho universal que procura o incremento das ciências humanas, a promoção social, a pedagogia da fé.

O que acabo de indicar foi visto com clareza pelo povo navarro, que reconhece na sua Universidade também um factor de promoção económica para a região e especialmente de promoção social, tendo permitido a tantos dos seus filhos o acesso às profissões intelectuais, o que doutro modo seria árduo, e em certos casos impossível, conseguir. A compreensão do papel que a Universidade havia de jogar na sua vida motivou seguramente o apoio que Navarra lhe dispensou desde o começo; apoio que, sem dúvida, será cada vez mais amplo e entusiasta.

Continuo a manter a esperança — porque corresponde a um critério justo e à realidade vigente em tantos países — de que chegará o momento em que o Estado Espanhol contribuirá, por seu lado, para aliviar as cargas de um empreendimento que não prossegue nenhum proveito privado, e que, pelo contrário, totalmente consagrado ao serviço da sociedade, procura trabalhar com eficácia para a prosperidade presente e futura da nação.

E agora, meus filhos e minhas filhas, permiti que me detenha noutra aspecto — particularmente querido — da vida ordinária. Refiro-me ao amor humano, ao amor limpo entre um homem e uma mulher, ao noivado, ao matrimónio. Devo dizer uma vez mais que esse santo amor humano não é algo de permitido, de tolerado, à margem das verdadeiras actividades do espírito, como poderiam insinuar os falsos espiritualismos a que antes aludia. Desde há quarenta anos que venho prègando, por palavra e por escrito, exactamente o contrário, e já o vão entendendo aqueles que o não compreendiam.

O amor que conduz ao matrimónio e à família pode ser também um caminho divino, vocacional, maravilhoso, para uma completa dedicação ao nosso Deus. Realizai as coisas com perfeição, tenho-vos recordado; ponde amor nas pequenas actividades da jornada; descobri — insisto — esse algo divino que se oculta nos pormenores... Toda esta doutrina encontra especial lugar no espaço vital em que se enquadra o amor humano.

Ficai a saber, professores, alunos, e todos os que dedicais o vosso trabalho à Universidade de Navarra: encomendei os vossos amores a Santa Maria, Mãe do Amor Formoso. E aí tendes a ermida que construímos com devoção no campus universitário para que recolha as vossas orações e a oblação desse estupendo e limpo amor, que Ela abençoa.

Não sabíeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que recebestes de Deus, e que não vos pertenceis? <sup>9</sup> Quantas vezes, diante da imagem da Virgem Santa, da Mãe do Amor Formoso, respondereis com uma alegre afirmação à pergunta do Apóstolo: Sim, sabemos-lo, e queremos vivê-lo com a tua ajuda poderosa, ó Virgem Mãe de Deus!

A oração contemplativa surgirá em vós sempre que mediteis nesta realidade

<sup>9</sup> I Cor. 6, 19.

impressionante: uma coisa tão material como o meu corpo foi escolhida pelo Espírito Santo para estabelecer a sua morada...; já não me pertence...; o meu corpo e a minha alma — o meu ser inteiro — são de Deus... E esta oração será rica em resultados práticos, derivados da grande consequência que o mesmo Apóstolo apresenta: glorificai Deus no vosso corpo <sup>10</sup>.

Por outro lado, não podeis desconhecer que só entre os que compreendem e avaliam em toda a sua profundidade o que acabamos de considerar acerca do amor humano pode surgir aquela outra compreensão inefável de que falou Jesus <sup>11</sup>, que é um puro dom de Deus e que impulsiona a entregar o corpo e a alma ao Senhor, a oferecer-Lhe o coração indiviso, sem a mediação do amor terreno.

Tenho de terminar, meus filhos. Disse-vos ao começo que a minha palavra queria anunciar-vos alguma coisa da grandeza e da misericórdia de Deus. Julgo tê-lo cumprido ao falar-vos de viver santamente a vida ordinária, porque uma vida santa no meio da realidade secular — sem ruído, com simplicidade, com veracidade — não será porventura a mais comovedora manifestação das magnalia Dei <sup>12</sup>, dessas portentosas misericórdias que Deus sempre realizou, e não deixa de realizar, para salvar o mundo?

Peço-vos agora com o salmista que vos unais à minha oração e ao meu louvor: magnificate Dominum mecum, et extollamus nomen eius simul <sup>13</sup>; louvai comigo o Senhor e exaltemos todos juntos o seu nome. Ou seja, meus filhos: vivamos de fé.

Tomemos o escudo da fé, o elmo da salvação e a espada do espírito que é a Palavra de Deus. Assim nos anima o Apóstolo S. Paulo na epístola aos de Éfeso <sup>14</sup> que há momentos se proclamava litúrgicamente.

Fé, virtude de que nós, os cristãos, tanto necessitamos, especialmente neste ano da Fé promulgado pelo nosso amadíssimo Santo Padre o Papa Paulo VI, pois, faltando a fé, falta o próprio fundamento da santificação da vida ordinária.

Fé viva nestes momentos, porque nos aproximamos do *mysterium fidei* <sup>15</sup>, da Sagrada Eucaristia; porque vamos participar nesta Páscoa do Senhor, que resume e realiza as misericórdias de Deus com os homens.

Fé, meus filhos, para confessar que, dentro de instantes, sobre esta ara, se vai renovar a obra da nossa Redenção <sup>16</sup>. Fé, para saborear o Credo e sentir em torno a este altar e a esta Assembleia a presença de Cristo, que faz de nós cor unum et anima una <sup>17</sup>, um só coração e uma só alma, e nos converte em família, em Igreja, uma, santa, católica, apostólica, e romana — que para nós é tanto como universal.

Fé, finalmente, filhas e filhos queridíssimos, para demonstrarmos ao mundo que tudo isto não são apenas cerimónias e palavras, mas uma realidade divina, apresentando aos homens o testemunho de uma vida ordinária santificada, em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo e de Santa Maria.

<sup>10</sup> I Cor. 6, 20.

<sup>11</sup> Cfr. Mt. 19, 11.

<sup>12</sup> Eccl. 18, 4.

<sup>13</sup> Ps. 33, 4.

<sup>14</sup> Ef. 6, 11 e ss.

<sup>15</sup> I Tim. 3, 9.

<sup>16</sup> Secreta do IX Domingo depois de Pentecostes.

<sup>17</sup> Act. 4, 32.